José Bonifácio do Amparo Sobrinho

AQUILOMBAMENTO DIGITAL À LUZ DO PENSAR NAGÔ

[1]"Procuram-se Bonecas Pretas… procuram-se representação" anuncia a artista Larissa Luz em performance para três crianças, encantadas diante de uma vitrine, no videoclipe da música *Bonecas Pretas*[2]. Aquela obra é um manifesto audiovisual de uma mobilização representativa ainda incipiente, à época, no trânsito das narrativas associadas aos marcadores sociais e simbólicos vinculados à negritude no Brasil.

As representações sobre negritude no Brasil, durante séculos, foram moldadas por ausências e estigmas. Mesmo após inúmeros movimentos de valorização conduzidos por organizações sociais, culturais e políticas, os signos associados às vivências afrodiaspóricas permaneceram marginalizados no imaginário coletivo, ao passo que meios de comunicação tradicionais, longe de neutralidade, reforçaram sentidos de um projeto epistemológico ocidental, alheios às prerrogativas coletivistas, que vinculam o corpo ao sagrado, na continuidade lembrada na memória afetiva e na pregnância ancestral, imanentes ao pensamento Nagô [3].

A difusão das tecnologias digitais e o povoamento da internet por pessoas negras e assuntos étnico-raciais colocou nas arenas semi-públicas insumos para a realização daquilo que Neusa Santos Souza[4] já indicava como urgência, em "Tornar-se Negro": a construção de um novo ideal de ego, alheio ao imaginário social baseado no "fetiche da brancura", alimentado por predicados positivos da experiência negra, que até então eram ausentes, ou pouco valorizados, nos enredos hegemônicos.

O ambiente digital abriu possibilidades inéditas de interações online em que a multiplicidade de vozes, a circulação descentralizada de narrativas e surgimento de novos repertórios simbólicos favoreceram o desmoronamento de uma concepção única de mundo. Em interações de muitos para muitos, signos afro-brasileiros passaram a ocupar espaço no universo simbólico cotidiano, favorecendo a dialogicidade e ampliação de horizontes identitários.

---

[1] Boni Sobrinho é professor substituto no Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (DCHF/UEFS) e diretor do Cepecc; Doutorando e mestre em Psicologia (PPGPSI/UFBA); Coordenou ações de extensão voltadas à divulgação científica e promoção identitária "Epopéias e Filosofias Negras" e "Psicologia e Pesquisa Negra", na UNEB, disponíveis no YouTube. E-mail: jbonifacioamso@gmail.com | linkedin.com/in/bonisobrinho/

[2] O videoclipe "Bonecas Pretas", da artista Larissa Luz, ganhou o prêmio de Melhor Videoclipe no Prêmio Caymmi de Música em 2017. Disponível no youtube https://youtu.be/Qk3-0qaYTzk?si=V-4ThaEp37V-6Q4n .

[3] SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

[4] SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Neste breve ensaio, discuto como os conteúdos digitais sintéticos, em especial aqueles gerados por tecnologias de inteligência artificial em formato de *deepfakes*, quando orientados sob condições de a) governança , asseguradoras do controle comunitário e a proteção contra usos violentos; b) éticas, garantidoras de consentimento, reparação e cuidado coletivo; e c) de literacias tecnológicas, baseadas em epistemologias afrodiaspóricas que forneçam às comunidades negras ferramentas críticas para criar, ressignificar e imaginar futuros a partir das tecnologias digitais, podem se tornar recursos promissores na circulação e assimilação benéficas do universo simbólico afrodiaspórico.

Aquilombamento Digital: um fenômeno social mediado

Uma pesquisa de Santana e Sobrinho[5], sobre o comportamento de jovens negras e negros nas redes sociais identificou consumos frequentes de conteúdos ligados a estilo de vida, cultura, produção artística, política e influenciadores digitais afrodiaspóricos. Esses "palcos organizados" tornaram-se arenas de trocas identitárias: verdadeiros espaços do que denominou-se "aquilombamento digital". Operacionalmente, o conceito foi definido como "fenômeno social mediado por dispositivos comunicacionais que promovem acesso a espaços digitais, associado à assimilação identitária e étnica, resultante do rotineiro contato com elementos simbólicos, culturais, estéticos e de (novas) reflexividades, estando diretamente associado a elevados níveis de autoestima"[6].

Mais do que intercâmbio simbólico e visibilidade, tais experiências associaram-se a médias elevadas de autoestima, avaliadas por um instrumento psicométrico, algo historicamente incomum entre populações negras no Brasil. O resultado evidencia que o trânsito por conteúdos digitais positivos e informativos pode favorecer tanto a assimilação identitária quanto a saúde mental, colaborando para ricas reflexões sobre como a tecnologia pode viabilizar diálogos com os sentidos de existência, conectados a um coletivo de extensão global. Ainda que muitas vezes sem intenção explícita, o acesso a novos referenciais identitários engendra um movimento de reconexão como

[5] SANTANA, Gabriel Suamme Lima; SOBRINHO, José Bonifácio do Amparo Sobrinho. Aquilombamento Digital: Identidades Negras & Contemporaneidade. 1. ed. / Gabriel Suamme Lima Santana e Boni Sobrinho. Salvador: Independente, 2020.

[6] Sobrinho, J. B. A. (2023). Tornar-se negr@: novas identidades (re)mediadas por aquilombamento digital - IV Candaces - 30 anos [Vídeo]. YouTube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=W-PQt7fCsmA

o princípio ancestral de Ubuntu “Sou porque somos” ao reinscrever, em linguagem digital, a ética do vínculo e da interdependência para a promoção de bem-viver.

Nomear “aquilombamento digital” significa reconhecer que o ambiente online pode operar como continuidade simbólica de territórios de representatividade, atualizando nos espaços digitais e nas dimensões subjetivas de virtualidade[7] a tradição das epistemologias afrodiaspóricas . O termo “quilombo” remete a um lugar de refúgio e descanso na língua Bantu, mas no Brasil colonial tornou-se símbolo de resistência contra o escravismo, tendo seu sentido ampliado por intelectuais, como Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento e Clóvis Moura para o sentido de espaço de criação coletiva, organização política e luta contra o colonialismo.

Assim, o aquilombamento digital é possível a partir do estabelecimento de uma cultura digital, com finalidade política e epistemologia própria. Exemplos de seu espraiamento emergem em diferentes campos da vida social e de forma particularmente significativa no espaço acadêmico, como o projeto Epopéias e Filosofias Negras[8], desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que tem como finalidade a criação de conteúdos em plataformas digitais e ações educacionais voltadas à promoção das epistemologias afrodiaspóricas no ambiente universitário e para além dele.

[7] LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
[8] O projeto de extensão Epopéias e Filosofias Negras (UNEB) é um projeto de extensão baseado em autonomia discente composto por programas de entrevistas quinzenais no Youtube, página informativa no Instagram e grupos de estudo quinzenais on-line sobre as temáticas definidas pelo estudantes.

Figura 1: Playlist do Programa Epopéias e Filosofias Negras (UNEB) no Youtube[9]

Conteúdos sintéticos à luz de uma epistemologia afrodiaspórica

Deepfakes são conteúdos sintéticos, geralmente em formato de imagem, áudio ou vídeo, produzidos por inteligência artificial (em especial redes neurais generativas) capazes de imitar rostos, vozes e gestos com alto grau de realismo. É possível, por exemplo, integrar em uma mesma mídia uma situação nunca ocorrida, utilizando-se do rosto e sons característicos de uma pessoa. Seus efeitos têm gerado debates devido seus riscos legais e éticos [10], usos nocivos, à misoginia[11] e ao racismo[12].

Ocorre, que, a potência emancipatória de qualquer tecnologia está fortemente associada com as epistemologias e práticas sociais que lhes agenciam[13]. Para além de sua apropriação insidiosa, há potenciais usos positivos na produção de conteúdos inclusivos e educativos sobre epistemologias e signos afrodiaspóricos. Isso nos sinaliza uma questão crítica sobre a governança que engendra os usos das tecnologias, as epistemes que orientam os usos e a importância da promoção de literacia tecnológica, para que tais recursos possam ser utilizados para o bem-viver coletivo, baluarte do “pensar nagô”.

Abaixo, apresento alguns exemplos que ilustram o debate a que convido a reflexão. O primeiro deles, refere-se a um conteúdo de deepfake produzida para a preservação de memória histórica sobre território da cidade de Salvador, produzida pelo artista Eric das Virgens, em que Cuíca de Santo Amaro, falecido em 1964, recita um cordel em frente ao Elevador Lacerda. Outra obra similar, deste mesmo artista, recriou uma ganhadeira da Lagoa do Abaeté, na década de 1970, expressando-se sobre o seu valor histórico.

---

[9] Acessível em https://youtube.com/playlist?list=PLmNtEVxLmA0erR0KOa5gqdjoNMA9sYkNN&si=sJUhMjONqN9mAnP4

[10] ACCIOLY FILHO, Lauro. Deepfakes como ameaça global e multidimensional. In: SOUZA, Gustavo; SILVA, Tarcizio (org.). Enfrentando Deepfakes. Desvelar: Brasília, 2025. Disponível em: desvelar.org/enfrentando-deepfake.

[11] FERREIRA, Ana Gabriela. Deepfake como questão de gênero. In: SOUZA, Gustavo; SILVA, Tarcizio (org.). Enfrentando Deefakes. desvelar: Brasília, 2025. Disponível em: desvelar.org/enfrentando-deepfakes.

[12] DANTAS, Glenda. Racismo recreativo em tempos de deepfake. SOUZA,Gustavo; SILVA, Tarcizio (org.). Deepfakes. Desvelar: Brasília, 2025. Disponível em: desvelar.org/enfrentando-deepfakes

[13] BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2004.

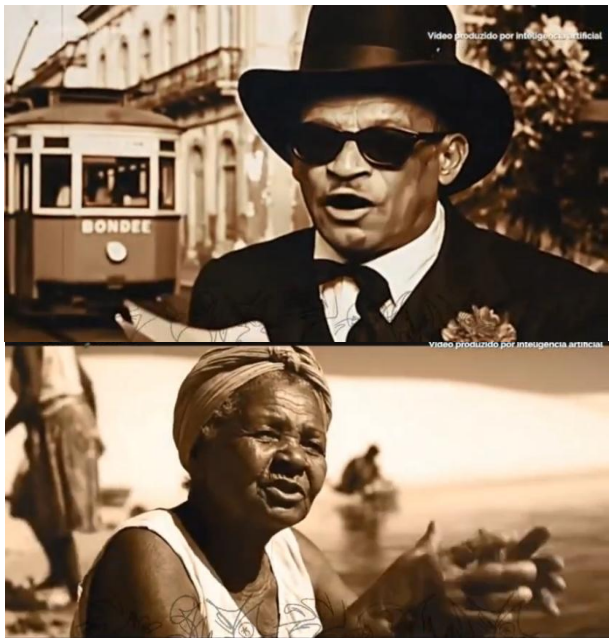

Figura 2: Deepfakes produzidas pelo artista Eric das Virgens sobre personalidades históricas de Salvador

Na seara dos conteúdos sintéticos, sem utilização de rostos de pessoas reais, a página @cehfaz[14] no Instagram apresenta figuras míticas - a exemplo de orixás - geralmente associadas a canções, diálogos e textos de forma bela e emocionante, expandindo a possibilidade da assimilação positiva sobre conteúdos de religiões de matrizes afrobrasileiras, historicamente discriminadas. Tal iniciativa oferece, digitalmente, face e voz às entidades e a cosmogonia afrodiaspórica.

[14] https://www.instagram.com/cehfaz

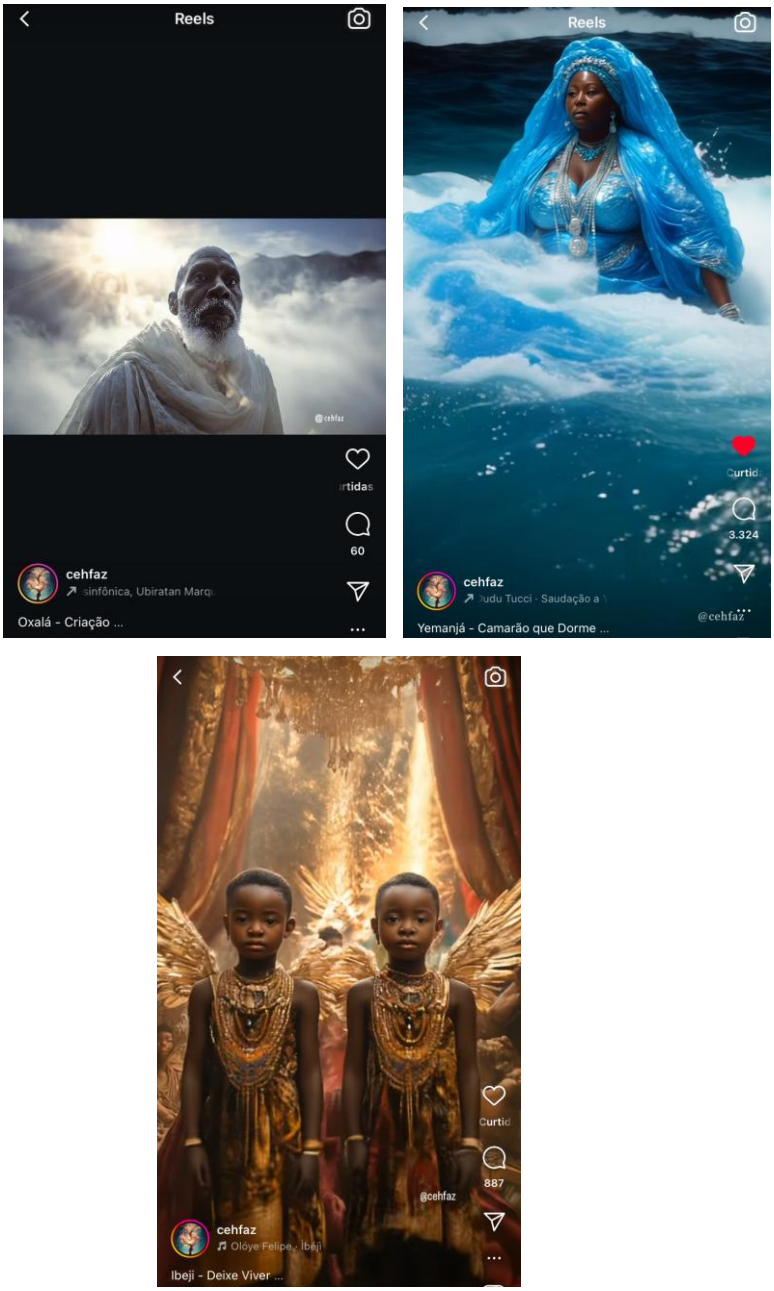

Figura 4: Representações Míticas Afrobrasileiras produzidas pela perfil @cehfaz.

No campo da fotografia, a diretora de arte Mayara Ferrão desenvolveu uma série, denominada “Álbum de esquecimentos”[15] em que mulheres negras originárias vivem situações de afetos positivos. Esta iniciativa favorece, ficcionalmente, a reconfiguração sobre as representações sobre o amor para mulheres negras a partir do passado. Ainda no campo das fotos, o artista Diego Rimaos, recriou rostos de

[15] Maiores informações e imagens, estão disponíveis em https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/

africanos escravizados, a partir das narrativas de Luiz Gama, homenageando as identidades perdidas por estas pessoas[16].

Todas estas iniciativas, de alguma forma, favorecem a circulação de signos e valores afrodiaspóricos, colaborando para o acesso, reflexão e assimilação positiva de aspectos identitários.

“O vivido não é mais do que um jogo de virtualidades”[17]

Se as deepfakes são ameaça à verdade, talvez o desafio contemporâneo esteja em reinscrevê-las, como ferramentas de soberania simbólica. Quando orientadas por epistemologias afroaspóricas, podem se tornar encarnações digitais de um quilombo global que reescreve os sentidos dos mundos. Minha aposta é que entre algoritmos e ancestralidade possam ser cultivados fazeres tecnológicos capazes de fomentar narrativas baseadas em dignidade e potência.

As possibilidades estão nos limites da criatividade. Imagine poder dialogar com mestres ancestrais da música, ouvir líderes da diáspora sobre paz ou vivenciar narrativas de resistência recriadas digitalmente! Essas imagens de futuro produzirão efeitos positivos nas identidades afrodiaspóricas que já estão sendo formadas nas gerações contemporâneas.

As imagens de futuros possíveis podem produzir efeitos positivos nas identidades afrodiaspóricas em construção.

As bonecas pretas que Larissa Luz clama já estão até falando: bem e bonito.

[16] Maiores informações e imagens em https://www.portaltela.com/cultura/arte/2025/05/26/exposicao-em-sao-paulo-resgata-identidade-de-africanos-escravizados-com-ia
[17]SODRÉ, Muniz (2017, p.117).